

I

Tinha grandes olhos escuros e remava. As pás dos remos mergulhavam na água cinzenta e voltavam a aparecer. De cada vez ela dobrava o corpo e voltava a endireitar-se. A bola branca do sol passava atrás das nuvens escuras e a água reflectia tudo aquilo: o cinzento chumbo e a luz. E perto da margem reflectia também os choupos e as pedras cobertas de musgo.

Era uma criança, uma menina pequena e parecia estranho que tivesse tanta força para remar e conduzir aquele barco de madeira, pequeno, sim, mas mesmo assim pesado.

Continuou até ser quase de noite e depois levou o barco para a margem, arrumou os remos e lançou para o fundo lodoso do rio uma pequena âncora. A proa do barco estava encostada a uma pedra e o barco tinha estabilizado.

A criança então pegou num plástico grosso e num cobertor. Desenrolou o plástico, estendeu-o no fundo do barco e deitou-se em cima dele embrulhando-se no cobertor. Pouco a pouco o céu escureceu completamente. Era noite. Agora escutava os movimentos breves, as oscilações da água, ainda, no fundo do barco como estava, com a cabeça apoiada no braço.

Esta é a primeira visão. A criança rema num entardecer de Primavera. Dormiu no fundo do barco uma noite ou muitas noites?

Talvez tenha passado um ano, ou talvez tenha sonhado que todos os dias durante um ano mergulhou os remos na água e avançou num mundo desertado. Onde só a natureza fazia a diferença entre os dias, as horas, as noites. A Primavera e o Inverno. Um mundo em que a natureza se expandia como um grande corpo cego numa liberdade sem limites.

Poucos sons. Pássaros, água, vento, pequenos animais nas matas. Cintilações da luz. Assim poderiam passar, ou ter passado, anos e séculos pela mente da criança, única habitante do mundo.

Cada mudança seria imperceptível, improvável e tudo aconteceria com uma tal lentidão que para ela, a criança, seria como se o tempo não existisse. Apenas a luz a mudar cíclicamente no seu alfabeto mudo, árvores frondosas, penas de pássaro a boiar na água. E os remos a avançar. Os olhos escuros da criança.

II

Segunda visão.

O mundo habitado. Vozes, tumulto, rupturas, gritos.

Chama-se: «as quatro estações».

Quem fala é uma mulher loira de meia idade. Tem uma cara oval, pálida, com rugas e grandes olheiras. Os olhos castanhos são ligeiramente encovados. É uma mulher alta que está vestida com uma camisa de noite branca que a cobre até aos pés e tem por cima um roupão encarnado aberto. O cabelo comprido, alourado e atravessado de fios brancos está preso na nuca com um travessão.

A mulher fala sentada num banco diante de um espelho alto. Fala para si própria ou como se estivesse a escrever um diário ou uma carta. Pensa. Nas mãos tem anéis pesados.

Às vezes a imagem da mulher é substituída pela imagem de um gravador. As fitas magnéticas giram e continuamos a ouvir a sua voz mas com mais dificuldade, com intermitências, com barulhos. Por exemplo vozes em eco, passos, ou barulhos que vêm do próprio gravador.

Primavera.

O Senhor ouviu-me quando eu gritei.

Fui à janela. Era cedo e não se ouvia um som.

Sentei-me diante do espelho e tinha-me voltado tudo à cabeça. Nem sei bem de que maneira ou em que ordem.

Lembrei-me de estar a chorar lá em baixo de pé, apoiada na mesa, e de ter proibido a Zita de acender a luz. Não queria que ela me visse. Depois sentei-me. Parei.

Era como se daquilo a que tinha acabado de assistir emanasse uma claridade brutal que me queimasse e me cegasse.

O Kopf abateu o cavalo com um tiro. Rebentou-lhe o tórax a machado e esventrou-o. E o vapor que se soltava das vísceras cortadas e arrancadas que iam caindo da sua mão larga para o chão, partiu para o mundo.

Esta noite sonhei que não era um homem que ali estava com as mãos sujas de sangue mas sim um anjo que teria vindo para me anunciar o nascimento de um filho.

Quando o Cassiano nasceu rebentou uma trovoada que durou mais de uma hora. Foi no ano de 1928.

Ainda estou a ver a Amélia do Ó a entrar no quarto com um candeeiro de petróleo. Vinha de cabeça coberta como sempre, com um lenço amarrado por baixo do queixo. Não tinha ainda as mãos deformadas como agora, mas a boca pequena e fina era tão desagradável como é ainda, e o olhar falador sempre me disse que não era de fiar. Foi ela quem me mostrou a criança, disse-me que era um rapaz. Ouvi-o chorar e levaram-no dali. Pensei que era fruto da violência da minha vida e soube que não havia de ter mais filho nenhum. Jurei que um pesadelo assim não havia de voltar a repetir-se, o que até podia ter sido só uma daquelas coisas que passam pela cabeça das mulheres, mas não foi assim. Não queria ter mais filhos e não tive.